

nara roesler

daniel senise



daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

[clique aqui para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Biógrafo: Daniel Senise*, Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México (1994)
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *3ª Bienal de Coimbra*, Portugal (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Os muitos e o um: arte contemporânea brasileira*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2016)
- *Las Américas Latinas – Las fatigas del querer*, Spazio Oberdan, Milão, Itália (2009)
- *44ª Bienal de Veneza*, Itália (1990)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

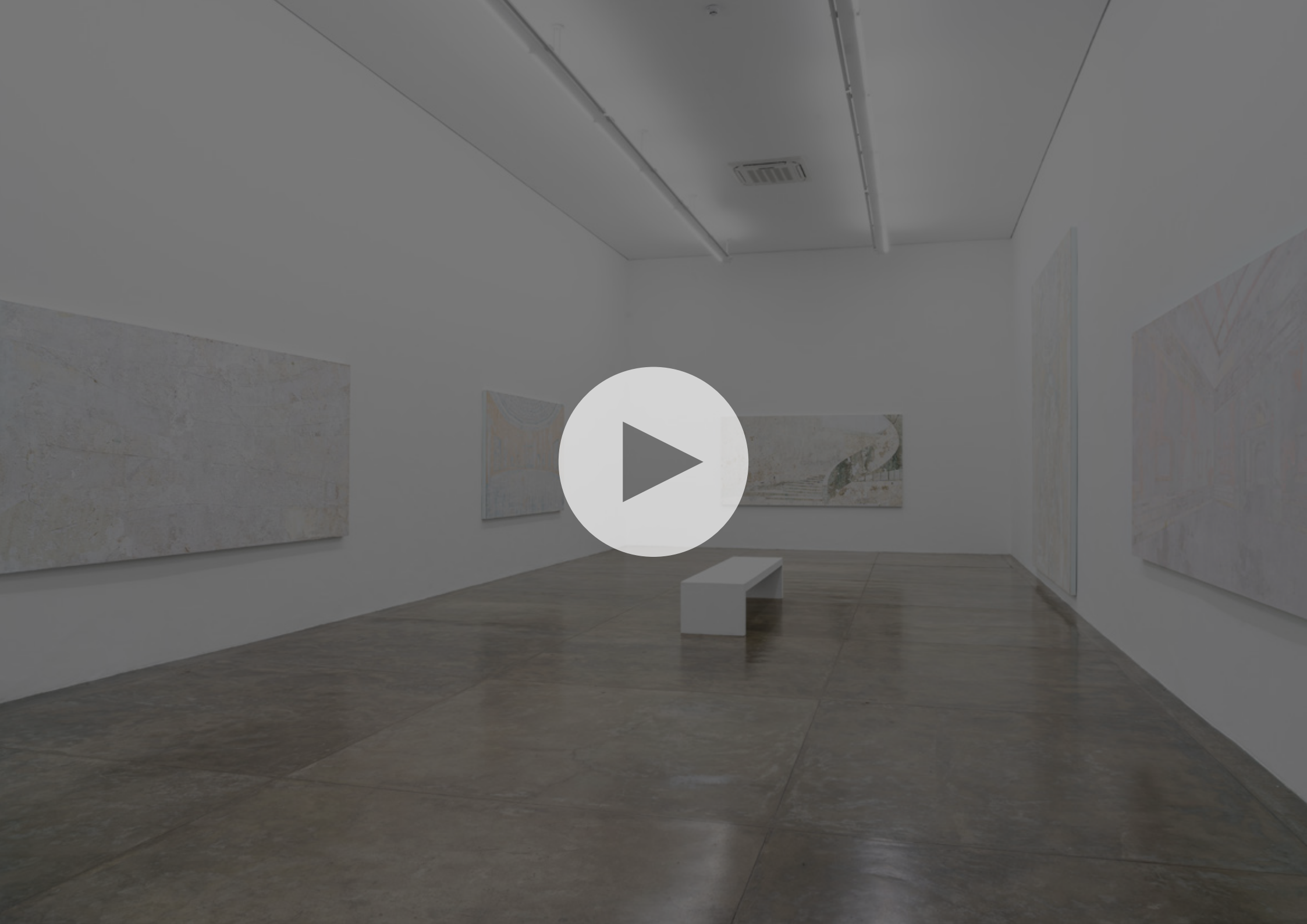
4	verônica
8	museus e galerias
11	museus
14	arranjo em cinza e prata
16	1.916
18	billboard
21	caminhante
23	the quick and the dead
25	biógrafo
29	entre
30	quase aqui
34	2.892
36	prodrome
38	o sol me ensinou que a história não é tão importante
41	paredes
43	eva
44	livros
47	parquetes
49	escaninhos
54	reino
56	fotos com objetos
61	estruturas
63	piscinas
65	quase infinito
67	estúdio
71	outros espaços
75	prata
78	silhuetas
80	bumerangue
81	ela que não está
82	mãe do artista
84	beijo do elo perdido e quase infinito
86	primeiros trabalhos

O *Manto de Verônica* é uma popular relíquia cristã, que consiste em um tecido utilizado por Verônica para enxugar a face de Jesus Cristo no caminho para a crucificação. O material, após o uso, teria ficado marcado com os relevos da face do mesmo e se tornou extremamente popular em mosteiros e igrejas, sendo amplamente revisitado pela história da pintura, figurando na obra de grandes mestres, como El Greco e Zurbarán. Através da monotipia de superfícies, Daniel Senise recria os trechos das composições nas quais essa relíquia aparece, porém esvaziando-as dos personagens e mesmo do próprio rosto do Cristo presente no suporte, representando exclusivamente o manto.



Verônica, 2022
monotipia de parede em tecido e
médium acrílico sobre placa de alumínio
180 x 150 cm

→
Verônica (Hans Memling), 2022 [detalhe]
técnica mista sobre alumínio
170 x 140 cm





←

vista da exposição

Verônica, 2022

Nara Roesler, São Paulo, Brasil

Verônica, 2022

monotipia de parede em tecido
e médium acrílico

sobre placa de alumínio

180 x 150 cm



museus e galerias

Desde a década de 1980, Daniel Senise retrata, por meio do processo de impressão, pisos que chamam sua atenção. Essas monotipias, feitas em diversos lugares utilizando-se água e cola sobre tecido, são a matéria prima para a realização dessa série. Senise coleciona diversos desses panos para criar as composições desta série. Ao recortar e justapor os diferentes padrões obtidos em cada um dos tecidos, o artista reproduz com precisão a imagem do espaço interior de salas de galerias e museus, despindo-os de todos os elementos que não os da própria arquitetura.

De 2000 a 2004, Senise realizou diversos destes trabalhos. Dez anos depois, em 2014, Senise retorna a esta prática incorporando um novo elemento: os quadros que ocupam as salas desses espaços. Não vemos, todavia, as imagens que eles portam, mas suas molduras e superfícies, sobre as quais se dispõem as figuras delineadas pelas manchas dos tecidos.

Haus Lange, Krefeld (Museu Alemanha grande, amarelo chão studio LIC, 2001
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 300 cm



Le Louvre (Salle 18), 2016
meio acrílico e resíduos sobre tecido
122 x 300 cm

→
vista da exposição
Biógrafo: Daniel Senise, 2023
Museu de Arte Contemporânea da USP
(MAC-USP), São Paulo, Brasil





museus

Desde 2019, Daniel Senise tem desenvolvido imagens de espaços internos de Museus ao redor do mundo utilizando uma técnica análoga à monotipia de pisos. Essas monotipias de escavação, como o artista as chama, são feitas em paredes. Esse deslocamento, do chão ao muro, permite outros tipos de registros das marcas e rastros do tempo naquela arquitetura. Ao utilizar as marcas de outros espaços para criar uma representação realista, o artista sobrepõe diferentes lugares, cada qual já portando indícios de seu uso, ou seja de sua própria história, para criar um trabalho que traz em seu corpo e em sua materialidade uma complexa relação entre os espaços e seus tempos. O branco das paredes, por outro lado, confere um ar etéreo, fantasmagórico às imagens.

Sem título (Musée du Louvre), 2021
monotipia de parede em tecido e
medium acrílico sobre alumínio
200 x 150 cm



Sem título (Dia Art
Foundation), 2021
técnica mista sobre alumínio
150 x 276 cm

→
vista da exposição
Museus, 2019
Instituto Ling,
Porto Alegre, Brasil



arranjo em cinza e prata teatro villa-lobos 2019

todos os santos, instituto tomie ohtake

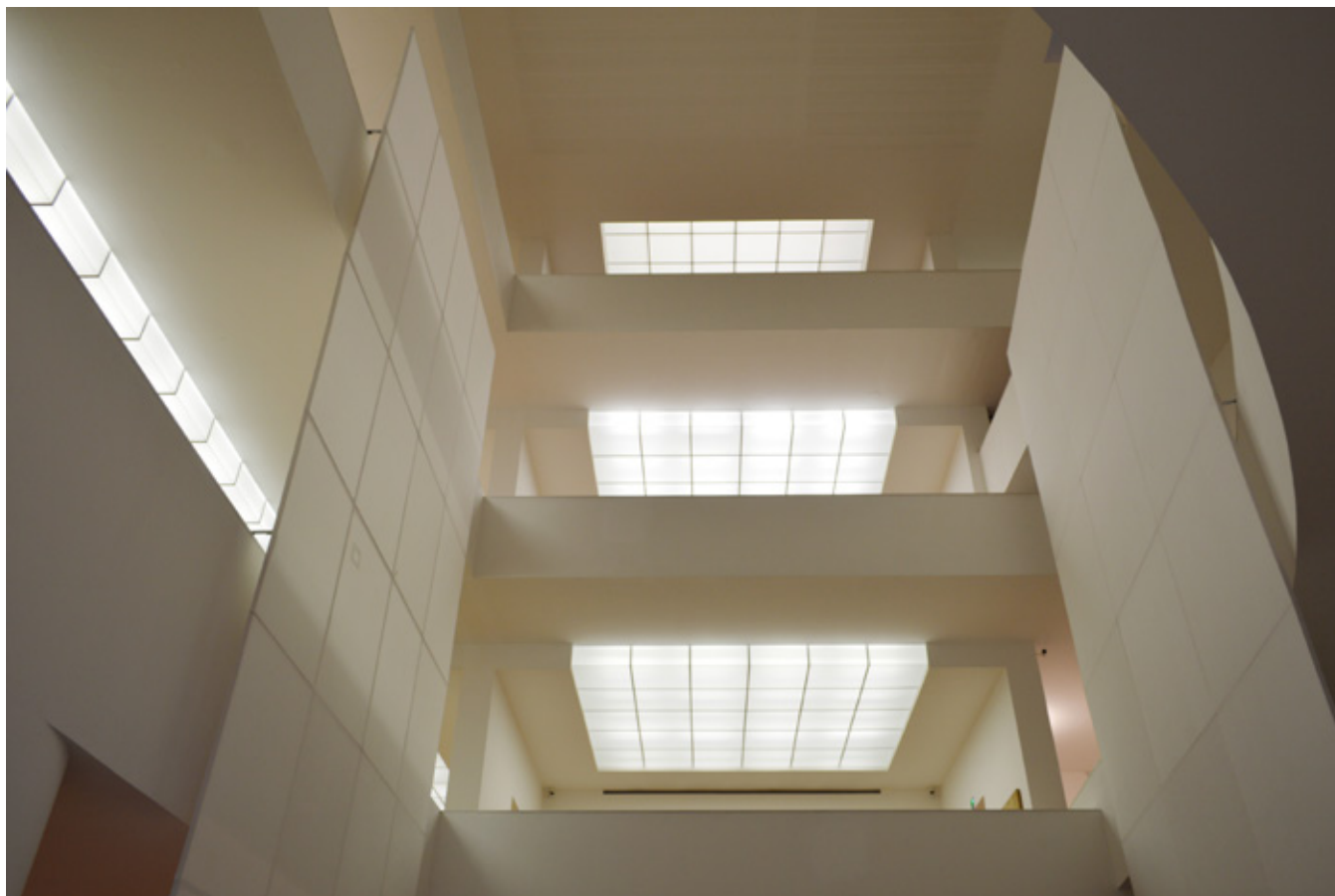
Em setembro de 2011, o Teatro Villa-Lobos, em Copacabana, Rio de Janeiro, foi consumido por chamas. Na época, Daniel Senise desenvolvia um mural para o prédio. Após o sinistro, o artista recolheu restos incinerados da construção e, durante oito anos, essas sobras ficaram guardadas. Em 2019, por ocasião de *Todos os Santos*, sua individual no Instituto Tomie Ohtake, Senise utilizou os fragmentos de carpetes queimados para a criação de *Arranjo em cinza e prata*. Sobre seis grandes placas de alumínio espelhado, foram colados os pedaços de carpete, criando sobreposições e texturas que deixam entrever a superfície reflexiva que se apresenta embaixo.



vista da exposição
Todos os santos, 2019
Instituto Tomie Ohtake
São Paulo, Brasil

→
Arranjo em cinza e prata - Teatro
Villa Lobos [detalhe], 2019
fragmentos de carpete
queimado sobre alumínio
366 x 500 cm





1.916 2019

instalação

antes da palavra, fundação iberê camargo
(fic), porto alegre, brasil

Para a sua individual na Fundação Iberê Camargo, Daniel Senise propôs uma releitura de seu trabalho 2.892. O artista construiu dois painéis verticais a partir dos mesmos lençóis usados naquela obra, provenientes do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e de um motel carioca. Essas estruturas foram então suspensas e expostas no vão do museu. Os painéis se relacionavam diretamente com elementos da arquitetura desse espaço, em especial as luminárias das salas de exposição sofrendo, ainda, interferência da luz, que atravessava os tecidos e evidenciava os bastidores que os sustentavam. O título, por sua vez, faz referência ao número estimado de pessoas que usaram os panos.

vista da exposição

Antes da palavra, 2022
Fundação Iberê Camargo
Porto Alegre, Brasil
Foto © Gustavo Possamai

→

vista da exposição
Antes da palavra, 2022
Fundação Iberê Camargo
Porto Alegre, Brasil
Foto © Gustavo Possamai



billboard

A série foi criada a partir da justaposição de monotípias que, reproduzindo a superfície de pisos de madeira e cimento, foram recortadas e montadas sobre placas de alumínio. O resultado são imagens que representam as formas de outdoors, em muitas das quais pode ser usado também o carvão, a fim de se obter tonalidades profundas de preto. Contrariando o esperado, no entanto, é justamente o espaço quadrangular destinado a anúncios publicitários que se encontra vazio nessas telas.

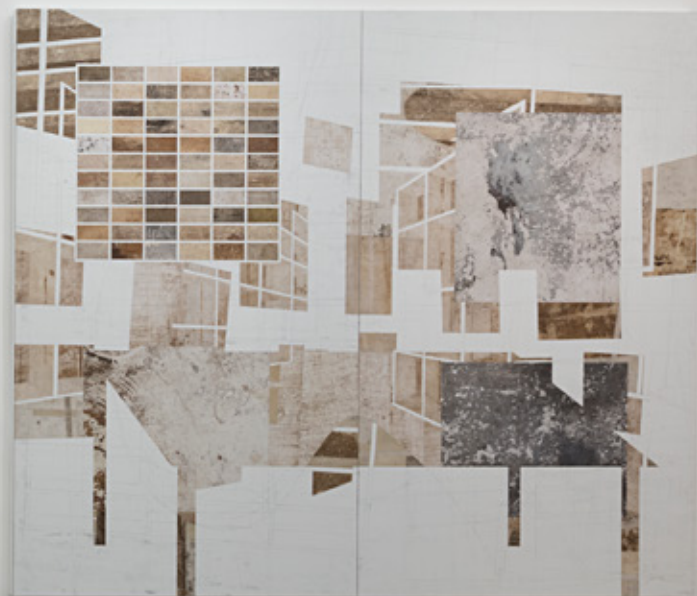
Billboard,
monotípias de piso de madeira e
cimento em tecido e medium acrílico
sobre alumínio

→
Billboard I, 2016
monotípias de piso de madeira e
cimento em tecido e medium acrílico
sobre alumínio
150 x 220 cm

→ →
vista da exposição
Daniel Senise, 2017
Nara Roesler, São Paulo, Brasil









caminhante 2015

site specific

oi futuro flamengo, rio de janeiro, rj, brasil

A intervenção site specific de Daniel Senise no espaço expositivo do segundo andar do Oi Flamengo integrou sua mostra individual na instituição. Após dois anos de conversas, negociações e planejamentos, o artista chegou à forma final de seu trabalho, cuja inspiração está no quadro *Caminhante sobre o mar de névoa* (1818), do alemão Caspar David Friedrich. Senise retirou o drywall que encobria e moldava a sala, revelando a estrutura que o sustentava. Do lado externo, foram colocados equipamentos de iluminação, de forma a modular a luz para que, durante todo o período de exibição, o público percebesse sempre a mesma intensidade, sem conseguir, com isso, intuir a passagem do tempo. O efeito era mantido com o auxílio de filtros instalados nas janelas.

vistas da instalação
Caminhante, 2015
Oi Futuro Flamengo,
Rio de Janeiro, Brasil
Foto © Pat Kilgore



the quick and the dead 2014

site specific

hospital matarazzo, são paulo, brasil

Para a exposição coletiva realizada no Hospital Matarazzo, Daniel Senise realizou uma intervenção em um dos quartos da instituição. O artista dividiu o cômodo longitudinalmente em duas seções. Uma das metades foi completamente restaurada, deixando apenas um retângulo intocado na parede. A outra permaneceu inalterada, com exceção de uma parte retangular que foi reparada, em simetria à parede oposta. Desse modo, um dos lados trazia a historicidade daquele ambiente ao longo do tempo, enquanto o outro reestabelecia seu passado ideal.



The quick and the dead, 2014

site specific

Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil



The quick and the dead, 2014
site specific
Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil

biógrafo

No projeto de Daniel Senise, a série *Biógrafo* terá 85 trabalhos, quantidade que faz referência à idade com que seu pai faleceu. Até o momento, foram executados pouco mais de cinquenta. As telas possuem dimensões regulares de 200 x 125 cm. No centro de cada uma delas há outro retângulo, que preserva a mesma proporção do suporte, mas que se diferencia da composição em volta. Por vezes, esse espaço pode aparecer esvaziado, ou então ocupado por uma imagem que carrega variações de ritmo e direção em relação ao restante da obra. Muitos dos trabalhos de Senise são revisões de sua produção anterior, que aparece ora reelaborada, ora revisitada em seus processos e formas. Essa característica faz com que o conjunto, de certo modo, comporte-se como uma biografia do próprio corpo de obras de Senise.



Biógrafo XLV, 2018
monotipia de piso de cimento em
tecido, medium acrílico e carvão
sobre alumínio
125 x 200 cm

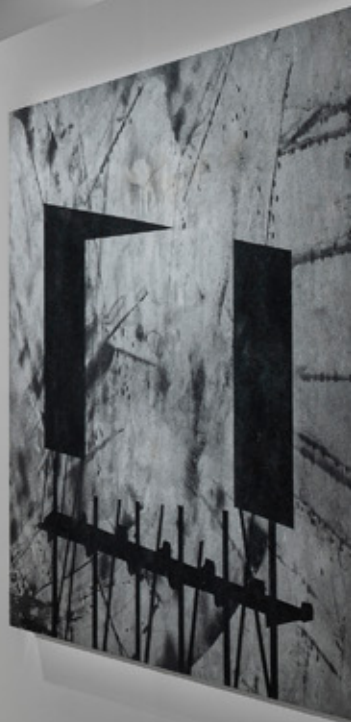


*Biógrafo LXVIII (Berkley
Museum of Art), 2018*
monotipia de piso de cimento
em tecido e medium acrílico
sobre alumínio
125 x 200 cm



Biógrafo XX, 2014
meio acrílico e resíduos sobre tecido
sobre alumínio
125 x 200 cm

→
vista da exposição
Biógrafo: Daniel Senise, 2023
Museu de Arte Contemporânea da
USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil





entre 2012 – 2013

objeto

Nesse trabalho, Daniel Senise preenchia caixas de acrílico com fragmentos de imagens de arte retiradas de publicações. Cada uma delas possuía trabalhos de um único pintor europeu, tal como Monet, Cézanne, Rembrandt, Delacroix e Goya. Se, por um lado, a passagem das figuras por fragmentadoras de papel apaga o trabalho que ali se revelava, por outro, ela nos evidencia uma espécie de DNA cromático do artista.

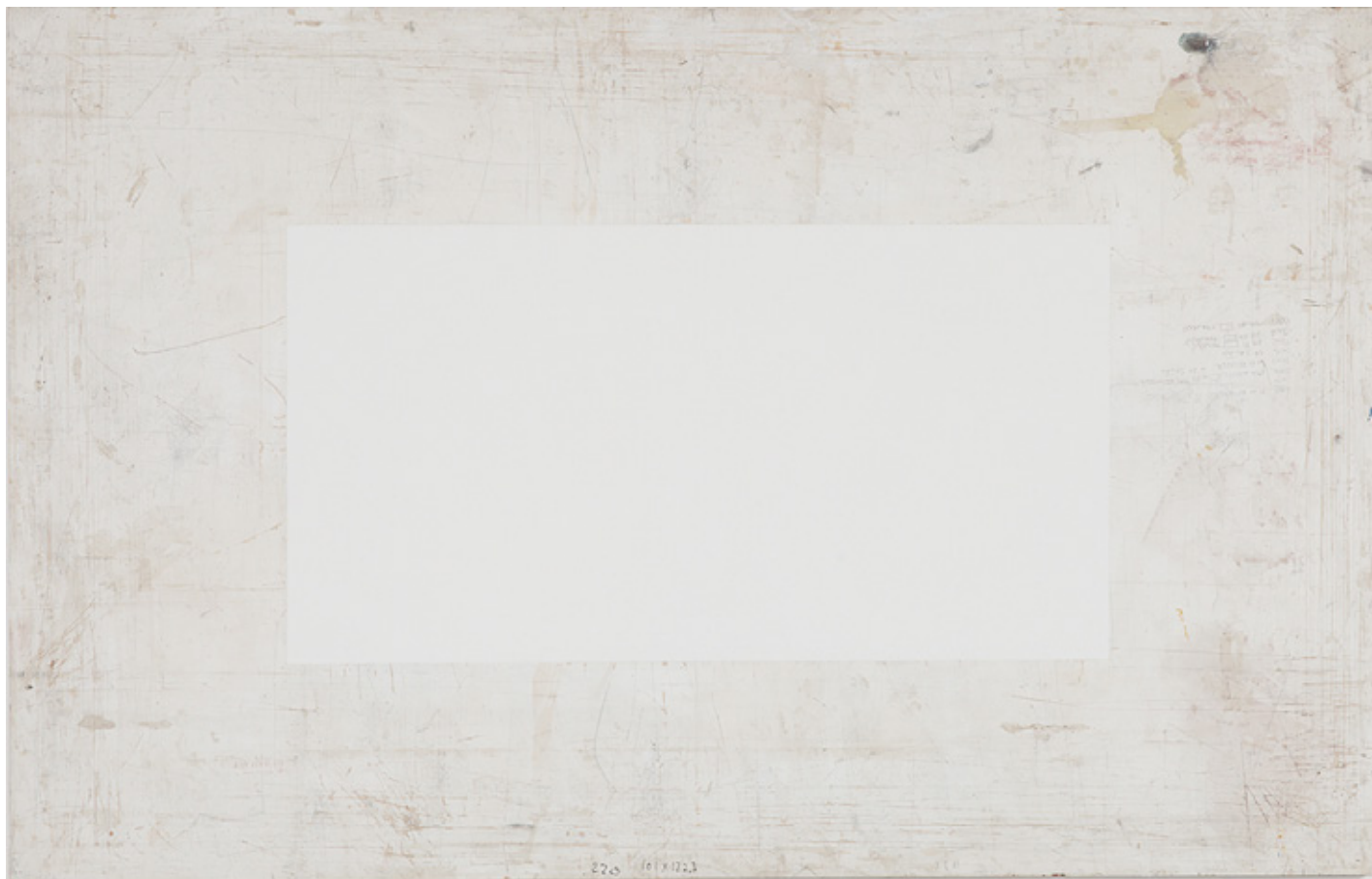
Museu (Louvre), 2013
tiras de papel
125 x 125 cm

quase aqui

As oito obras dessa série são construídas com as mesas de trabalho do ateliê do artista. Daniel Senise retira os tampos quadrangulares dos móveis e restaura o seu centro, mantendo a mesma proporção que a borda. Ele remove e lixa a sujeira e, em seguida, aplica tinta a óleo branca sobre a área restituída.



Quase aqui VII, 2018
tinta a óleo sobre madeira
160 x 220 x 8 cm



Quase aqui VI, 2015
óleo sobre madeira
190 x 300 cm

→
vista da exposição
Biógrafo: Daniel Senise, 2023
Museu de Arte Contemporânea da
USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil



ARTIST'S NAME





2.892 2011

instalação

casa França Brasil, rio de janeiro, brasil

Para sua exposição individual na Casa França Brasil, Daniel Senise montou a instalação 2.892. O trabalho era composto por duas paredes construídas com lençóis esticados sobre chassis. Cada painel era feito com os tecidos provenientes de locais distintos, que naquele espaço se confrontavam: o Instituto Nacional do Câncer (INCA) e um motel da região. Os lençóis haviam sido anteriormente oferecidos por Senise a ambos os lugares, para que, ao chegarem no final de sua vida útil, fossem devolvidos. O trabalho, de tonalidade conceitual, tem como título o número estimado de pessoas que utilizaram aqueles lençóis.

vista da instalação
2.982, 2011
lençóis e chassis
Casa França Brasil
Rio de Janeiro, Brasil

→
vista da instalação
2.982, 2011
lençóis e chassis
Casa França Brasil
Rio de Janeiro, Brasil

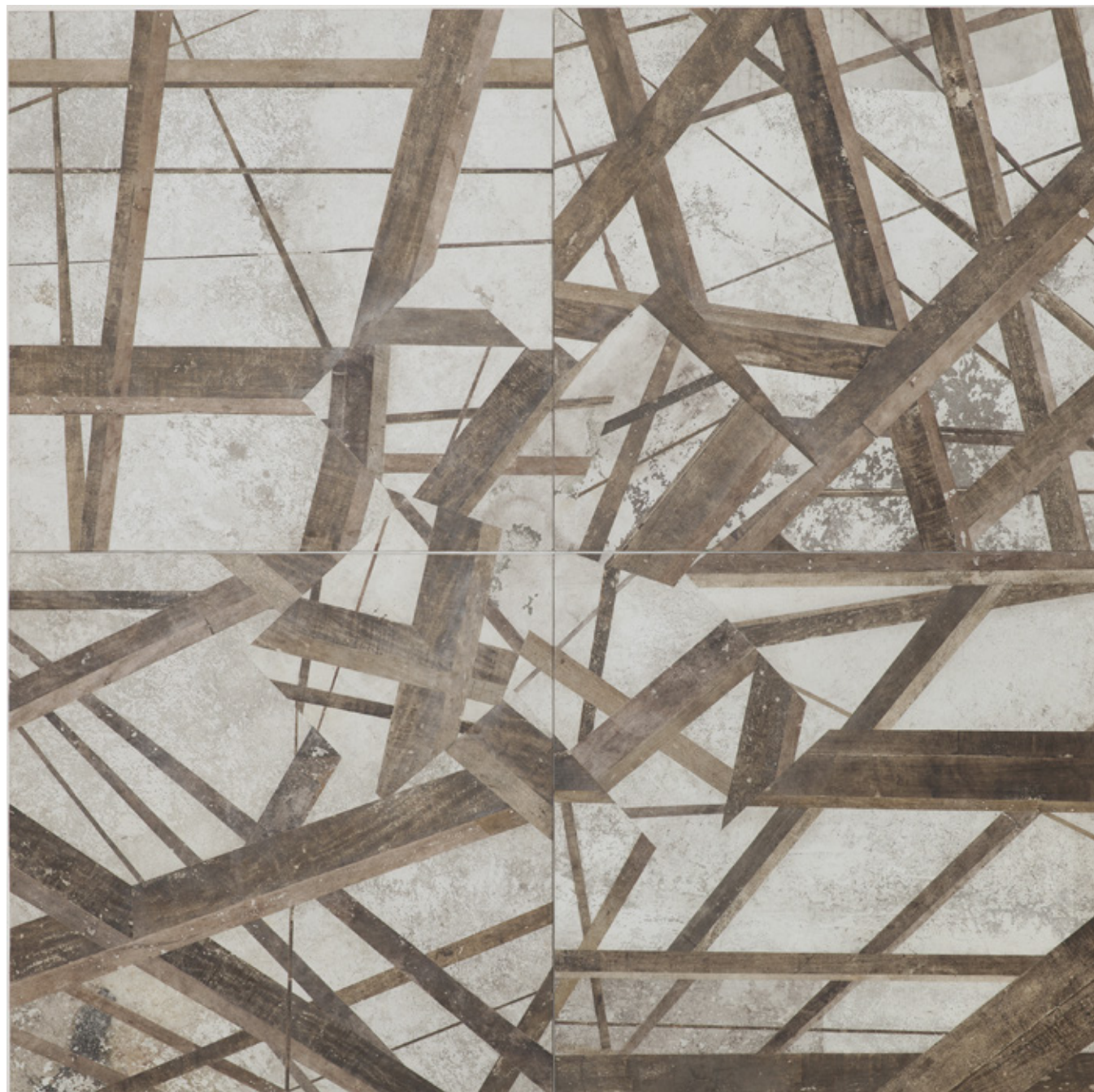


prodrome

Chama-se de pródromo, ou *prodrome*, em inglês, o conjunto de sintomas insuficientes para se identificar objetivamente o surgimento de uma doença. Desde os anos 1980, Daniel Senise sofre de enxaqueca. Inicialmente, ainda sem diagnóstico, ela se manifestava a partir de certas distorções no campo visual. A série *Prodrome* parte desse princípio de disjunção óptica experienciado pelo artista. Nas composições, baseadas nos *Escaninhos* e nas *Estruturas*, uma série de pequenas deformações cria estranhamentos que fazem o público questionar aquilo que é observado.

Prodrome IV (políptico), 2011
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
200 x 200 cm

→
*Prodrome (estrutura
com falhas)*, 2010
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
166,5 x 125 cm





*Prodrome (estrutura
com falhas)*, 2010
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
166,5 x 125 cm



o sol me ensinou que a história não é tão importante 2010

instalação

29ª bienal de são paulo, fundação bienal
de são paulo, são paulo, brasil

O título da instalação concebida por Daniel Senise para a 29ª Bienal de São Paulo foi retirado do prefácio escrito por Albert Camus para seu livro *O avesso e o direito* (1935). Para elaborar essa obra, o artista produziu placas de 50 x 50 cm com papel reciclado feito a partir de materiais impressos de instituições culturais. No pavilhão da Bienal, ele construiu uma sala onde nada era exibido, a não se a própria materialidade dos elementos utilizados em sua edificação.

*O sol me ensinou que a história
não é tão importante*, 2010
papel reciclado
placas de 50 x 50 cm

→
*O sol me ensinou que a história
não é tão importante* [detalhe], 2010
papel reciclado
placas de 50 x 50 cm

→ →
vista da exposição
Biógrafo: Daniel Senise, 2023
Museu de Arte Contemporânea da
USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil





paredes 2009–2012

Para a montagem dessas telas, Daniel Senise utilizou as monotípias de pisos que continuamente imprime. Nessas composições, inventa espaços, justapondo recortes em tiras dessas imagens em ângulos levemente oblíquos. Os arranjos estabelecem ritmos e velocidades, assim como a ilusão tridimensional de um espaço virtual.



*Deus embutido (Paredes com
dobras, escura à esquerda), 2005*
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
130 x 200 cm



*Sul (parede com 4
dobras clara)*, 2005
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
130 x 230 cm

eva 2009–2010

site specific

centro cultural são paulo, são paulo, brasil

Convidado para ocupar o espaço do Centro Cultural São Paulo, Daniel Senise desenvolveu uma intervenção *site specific*. Durante o período de exibição, foi montado um ateliê no espaço expositivo com tijolos confeccionados com materiais impressos da própria instituição, tais como catálogos, folhetos e folders, a partir de uma técnica similar à do papel machê. Cotidianamente, uma polpa feita com as folhas molhadas era misturada com cola e gesso nas fôrmas que ficavam acondicionadas em uma estufa especial. Uma vez por semana, os tijolos eram levados desse ateliê improvisado para o espaço expositivo, onde eram colocados ao redor da escultura *Eva* (1919), de Victor Brecheret, erigindo um muro à sua volta. Ao final de quatro meses, a estátua estava totalmente oculta. Pelas frestas das paredes, cujo material se assemelhava ao da escultura, no entanto, ainda era possível observar a obra de Brecheret.



Eva, 2009–2010

site specific

Centro Cultural de São Paulo,
São Paulo, Brasil

livros 2008–2019

Essa série de trabalhos, ainda em desenvolvimento, é análoga à dos *Escaninhos*, pois a composição das telas segue os mesmos princípios formais. O que difere é a matéria-prima que Daniel Senise utiliza. Neste caso, o artista se apropria de diversos livros de arte, mas também de enciclopédias e atlas, cortando e justapondo em colagens os seus fragmentos. A organização pode seguir diversos princípios que, muitas vezes, explicitam-se nos títulos dos trabalhos. Os critérios podem ser cromáticos ou variar de acordo com a origem desses recortes. Por vezes, surgem textos, na íntegra ou em partes, que servem para evocar imagens que ali estão ausentes.



EXS XIX, 2015
páginas de livros de arte
sobre alumínio
125 x 125 cm



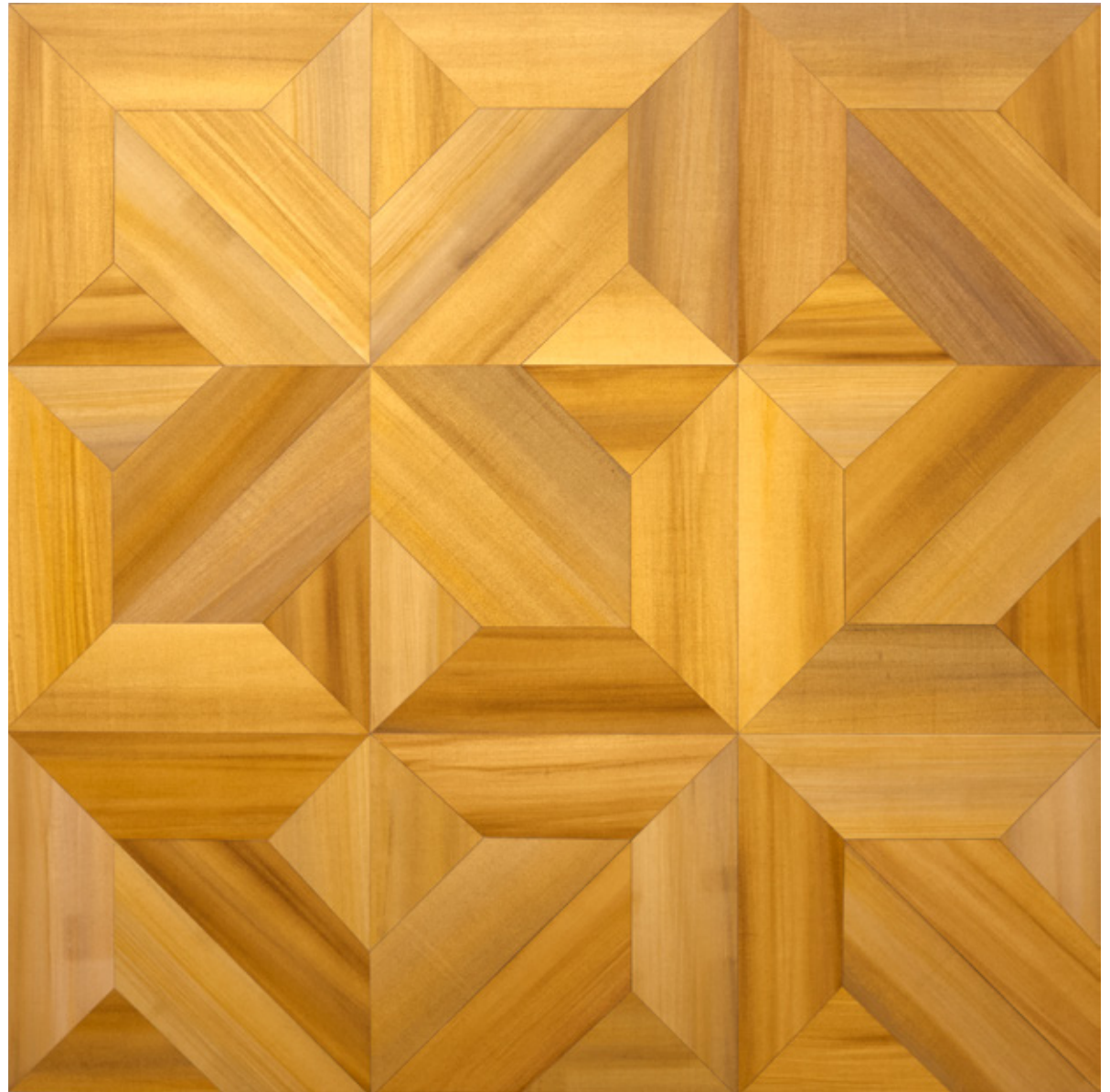
Sem título, 2018
páginas de livros de arte
sobre alumínio
92 x 92 cm

→
vista da exposição
Printed Matter, 2017
Nara Roesler,
Nova York, EUA
Foto © Will Wang



parquetes 2008–2009

Nessa série de trabalhos, ao invés de Daniel Senise realizar impressões de pisos de parquet, ele fotografa os padrões que lhe interessam. Para montar as imagens na escala 1 x 1, folhas de papel pintadas com tinta acrílica ou guache, nas tonalidades das madeiras que compõem os pisos representados, são recortadas e justapostas no mesmo padrão dos revestimentos escolhidos. Cada trabalho é realizado reproduzindo um padrão diferente.



Sem título, 2016
aquarela sobre papel
112,5 x 112,5 cm



Zn'aime Pas la plage, 2008
aquarela sobre madeira
167,2 x 150,2 cm



Avenida Higienópolis 394, 2008
tinta acrílica no papel sobre
placa de alumínio
144 x 144 cm

escaninhos 2007–2009

Durante uma viagem de trem de Porto para Lisboa, em companhia do pintor Paulo Pasta, Daniel Senise vislumbrou a imagem de prateleiras vazias em um livro que Pasta folheava. Mesmo não a tendo reencontrado, ela ficou gravada em sua memória, servindo como mote para a criação dessa série de trabalhos. Aqui, os nichos adquirem escala arquitetônica e são feitos a partir da justaposição de fragmentos de monotipias de pisos. Os títulos dos trabalhos fazem referência a filmes da *nouvelle vague*.



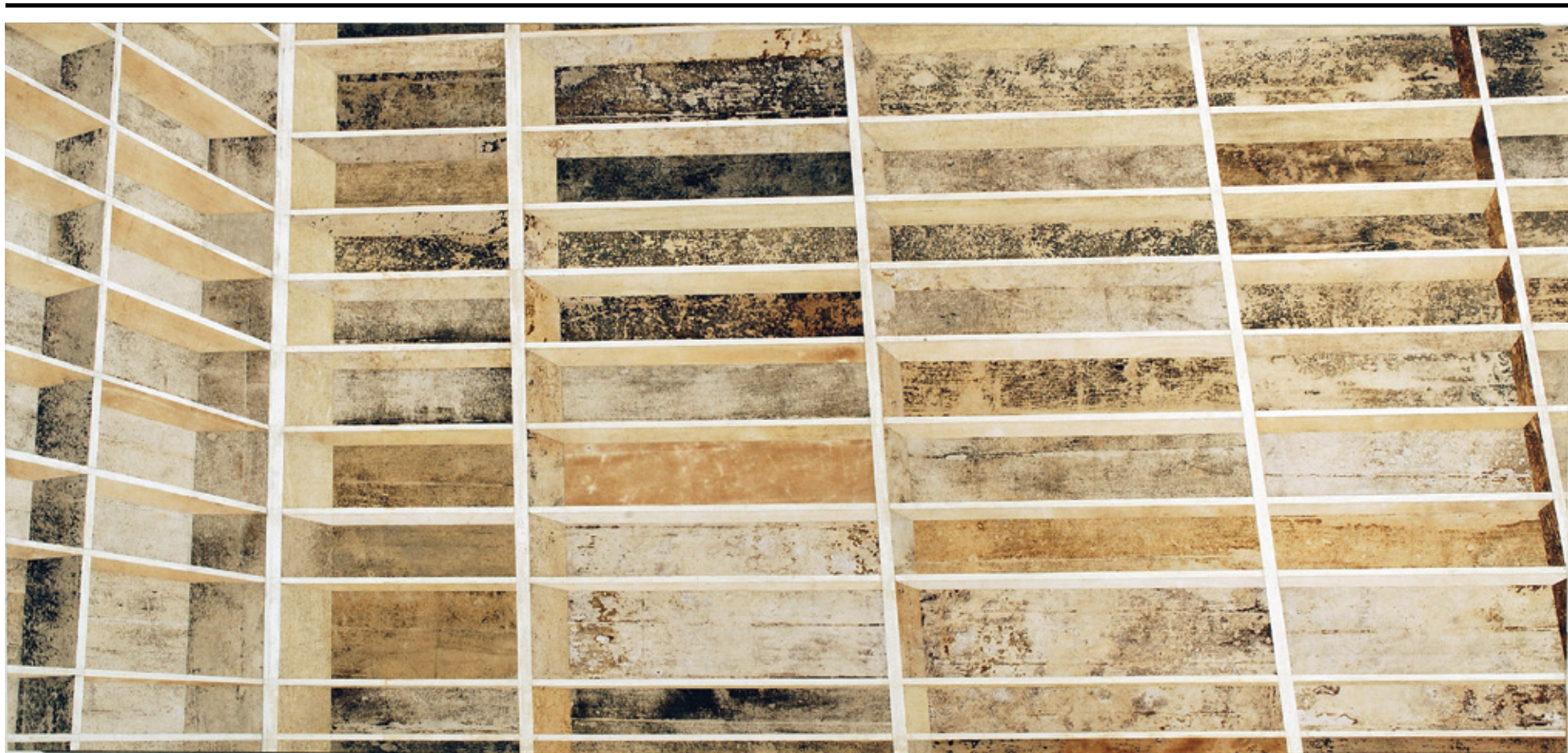
Two people drifting

disunited II, 2009

monotipia de piso de madeira

e cimento em tecido e médium
acrílico

140 x 150 cm



*Tous les garçons s'appellent
Patrick, 2007*
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
135 x 290 cm

→
Ici et ailleurs, 2007
monotipia de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
465 x 500 cm

→ →
vistas da exposição
Biógrafo: Daniel Senise, 2023
Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-
USP), São Paulo, Brasil





ARTIST'S NAME
TITLE OF THE WORK
MATERIALS AND TECHNIQUE



ARTIST'S NAME
TITLE OF THE WORK
MATERIALS AND TECHNIQUE





reino

Ao realizar o processo de impressão de um piso, uma mancha, não intencional, de cor vermelha, foi produzida em parte da imagem. Ao repetir o processo, a mesma mancha surgia no mesmo local. Para essa série de trabalhos, que buscava reproduzir ou criar imagens baseadas em espaços de pinturas renascentistas, Daniel Senise utilizou recortes dessa mancha rubra para estabelecer contaminações que rompem com a virtualidade dos cenários apropriados.

*Reino II (Quadrada, perspectiva,
linhas, janelas, parede vazada, 2008*
monotípias de piso de madeira em
tecido e médium acrílico
215 x 215 cm



*Reino I (Espaço renascimento
fragmentado, 2006*
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 300 cm

fotos com objetos

Desde 2005, os espaços onde as monotipias dos pisos são realizadas começaram a ser fotografados. Em sua maioria, as imagens são feitas realizadas em parceria com um fotógrafo profissional. Após a impressão das fotos, Daniel Senise cola sobre suas superfícies fragmentos de objetos recolhidos desses locais, que podem ser pedaços de madeira, de ferro ou azulejos, por exemplo. O resultado é o duplo indício de um espaço: a sua imagem fotográfica e os seus restos materiais colados sobre ela. Contudo, em cada trabalho se estabelece uma relação diferente entre foto e objeto, podendo ser de caráter ilusório, documental, forense etc.

Sorocabana I (teto), 2017
objetos metálicos rebitados
em fotografia adesivada
em alumínio
250 x 300 x 2 cm

→
Sorocabana I (teto) [detalhe], 2017
objetos metálicos rebitados
em fotografia adesivada
em alumínio
250 x 300 x 2 cm

→ →
vista da exposição
Todos os santos, 2019
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, Brasil







Hospital Matarazzo, 2019
impressão em sublimação
sobre placa de alumínio
180 x 122 cm

→
vista da exposição
Todos os santos, 2019
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, Brasil





Small text label below the second artwork.



Small text label below the central artwork.



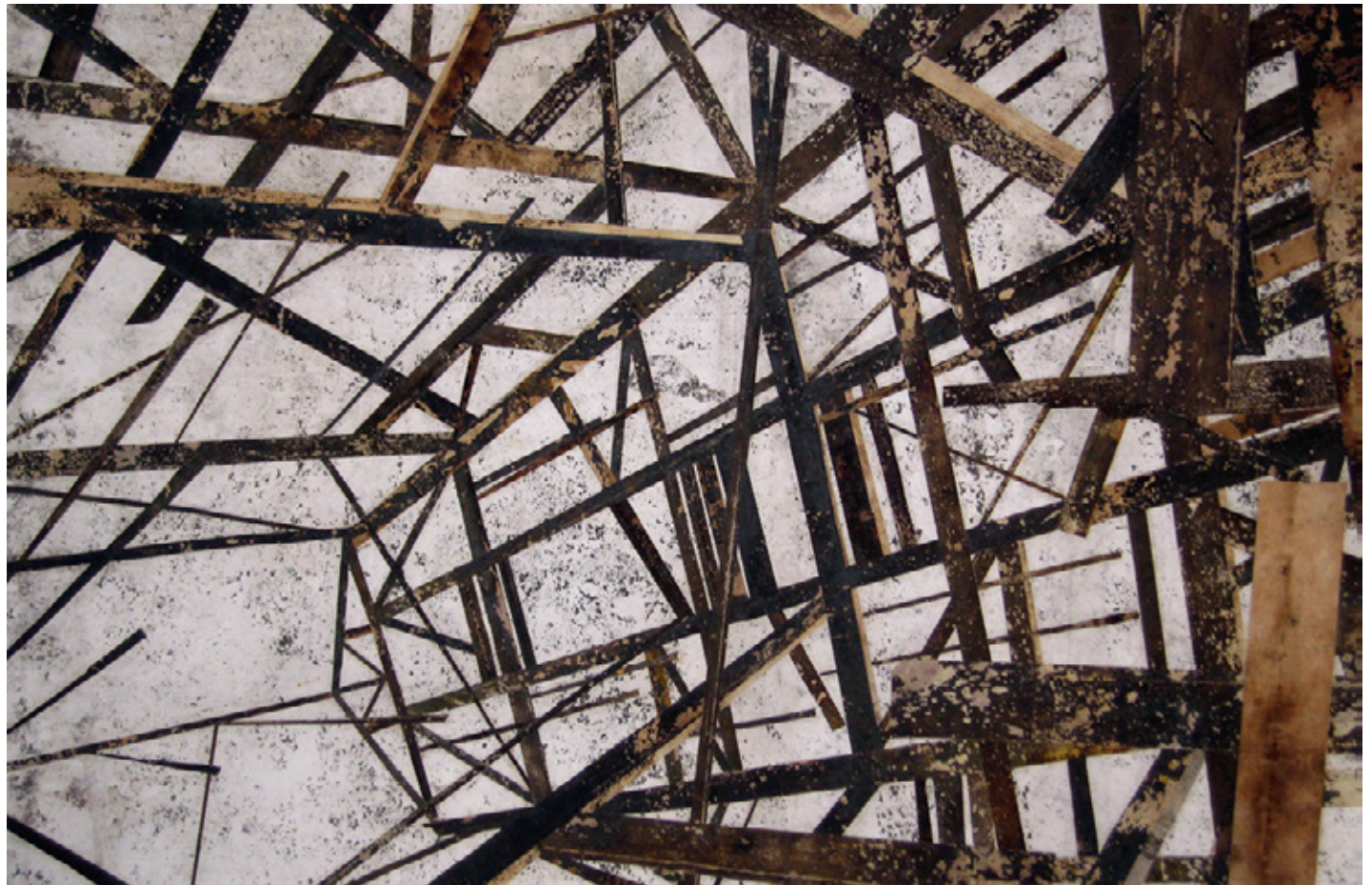
Small text label below the rightmost artwork.



estruturas

Os títulos dos trabalhos que integram essa série tanto podem indicar a proveniência das imagens quanto sua intenção representativa, assim como realizar desdobramentos poéticos, incitando a criação de narrativas. De todo modo, o interesse de Daniel Senise, na realização desse conjunto, reside nos espaços em estruturação, no momento de indiscernibilidade entre a construção e a contenção. As imagens são criadas a partir de impressões de pisos de madeira e cimento em composições de imagens encontradas, fotografadas ou inventadas.

Obra, 2005
monotípias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 400 cm



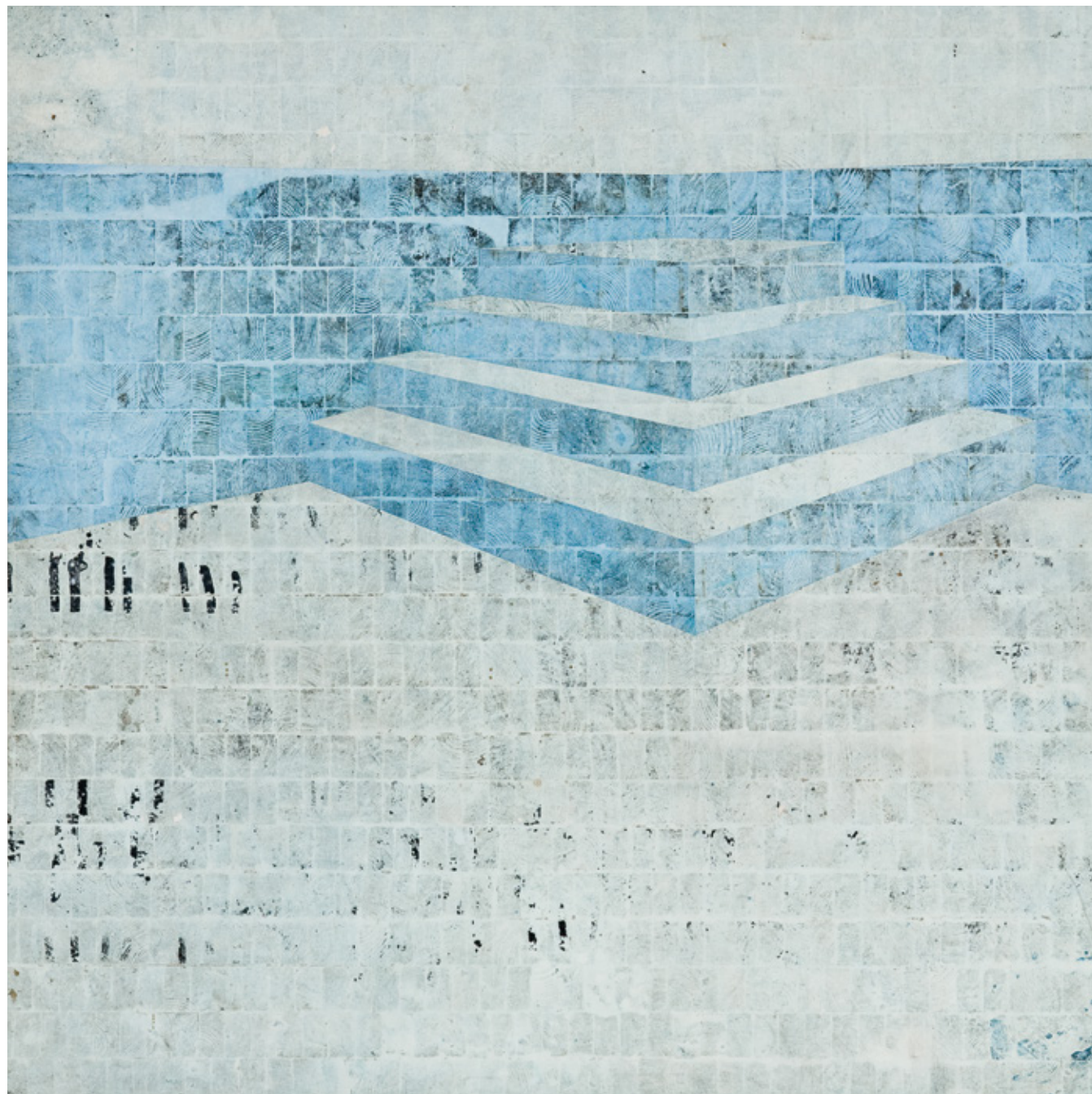
Tirano, 2006
monotipias de piso de madeira
e cimento em tecido e médium
acrílico
130 x 200 cm

piscinas

O assoalho do antigo ateliê de Daniel Senise, em Nova York, era feito a partir de um método conhecido nos Estados Unidos como *butchers block*. Nessa técnica, o corte na madeira é feito no sentido transversal, dando mais estabilidade à construção. Antes de realizar a impressão do piso, ele adicionava pigmento azul à cola que seria usada, determinando o tom da monotipia. Com esse material, foi possível realizar a série de trabalhos sobre placas de acrílico baseada em piscinas reais e imaginadas.

Sem título (Escada de piscina azul no canto), 2004
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
213 x 213 cm

→
Piscina 2 (Piscina azul), 2003
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
185 x 290 cm





quase infinito 2003

museu de arte contemporânea de niterói
(mac-niterói), niterói, brasil

O carpete original do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, após ter sido retirado para sua substituição, é a matéria prima desse trabalho. Nos pedaços de tapete que restaram da reforma, Daniel Senise recortou formas em negativo de pássaros conhecidos como trinta-réis. Em seguida, esses carpetes foram fixados nas paredes da instituição.



vista da exposição

Quase infinito, 2003

Museu de Arte Contemporânea
de Niterói (MAC-Niterói)

Niterói, Brasil

→

vista da exposição

Quase infinito, 2003

Museu de Arte Contemporânea
de Niterói (MAC-Niterói)

Niterói, Brasil





estúdio

Nessa série, Daniel Senise representa o seu próprio ateliê, em Nova York e no Rio de Janeiro, sobre placas de acrílico. Como matéria-prima, ele utiliza monotipias feitas a partir do piso de seus ambientes de trabalho. Opera-se, assim, um retorno, já que os rastros do espaço passam a organizar sua própria representação. Sobre um dos trabalhos é possível encontrar, ainda, um banco do ateliê, cuja superfície se confunde com a do chão do espaço que habitava.

*Legenda (impressão do chão
do atelier com banco plástico
colado, 2008
cretone com impressão de
cimento e objeto plástico
311 x 201 cm*

→
vistas da exposição
Biógrafo: Daniel Senise, 2023
Museu de Arte Contemporânea da
USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil







←

*Serra Branca Objetos
de Arte*, 2012
monotipias de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
200 x 300 cm

Sem título, 2012
monotipias de piso de cimento
e madeira em tecido e médium
acrílico
155 x 347 cm



outros espaços

Utilizando-se de impressões de pisos feitas ao longo dos anos, Daniel Senise recria espaços representados em pinturas da história da arte ocidental, esvaziando-os de todos os elementos que não os estruturais (como paredes, portas, janelas etc). Desse modo, o que se evidencia são as elaborações arquitetônicas presentes em nossa tradição pictórica.

De Hooch
(*Amarelo, médio NY*), 2000
monotipia de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
153 x 153 cm

*Sem título (Velazquez,
detalhe, porta), 2000*
monotipia de piso de madeira
em tecido e médium acrílico
122 x 122 cm





*Lull 2 (Espaço azul com janela a
esquerda, trama na diagonal), 2002*
monotipia em tecido
e médium acrílico
122 x 122 cm



*Hammershoi (Chão "The Piano
Factory amarelo - Rio), 2002*
monotipia em tecido
e médium acrílico
110 x 150 cm

prata 1998–2000

Os procedimentos e materiais utilizados na feitura desses trabalhos são múltiplos. Acrílica e esmalte sintético convivem com objetos diversos. Tinta a óleo e tecido *voile* também são empregados em dípticos, trípticos e polípticos nos quais figuram imagens apropriadas da história da arte, de livros infantis, enciclopédias, entre outros. A unidade entre os trabalhos se dá pelo emprego de pigmentos prateados nas composições.



*Hobbema (paisagem prateada
c/ régua*, 1999
esmalte sintético e objeto
de madeira sobre tela
205 x 180 cm



*Miner (Díptico com homem,
mula e retângulo pintado), 1999*
acrílica e esmalte sintético
sobre tela e voile
110 x 220 cm



*Sem título (Políptico com caras,
colunas, retângulo branco e branco
escorrido, 1999
acrílica, óleo e esmalte sintético
sobre tela e voile
220 x 220 cm*

silhuetas 1994–1997

Nessa série de trabalho, Daniel Senise se apropria de silhuetas de livros infantis para criar composições fabulares e sintéticas que mantêm uma ambiguidade narrativa. O artista joga com a escala das figuras e realiza experimentos com diversos materiais, tais como pó de ferro, cola plástica, resinas, vernizes, tinta acrílica, chumbo, adicionando objetos sobre as telas.

Sem título (Macacos e cacos), 1996
acrílica, óxido de ferro e resina
poliureténica sobre tela
125 x 160 cm

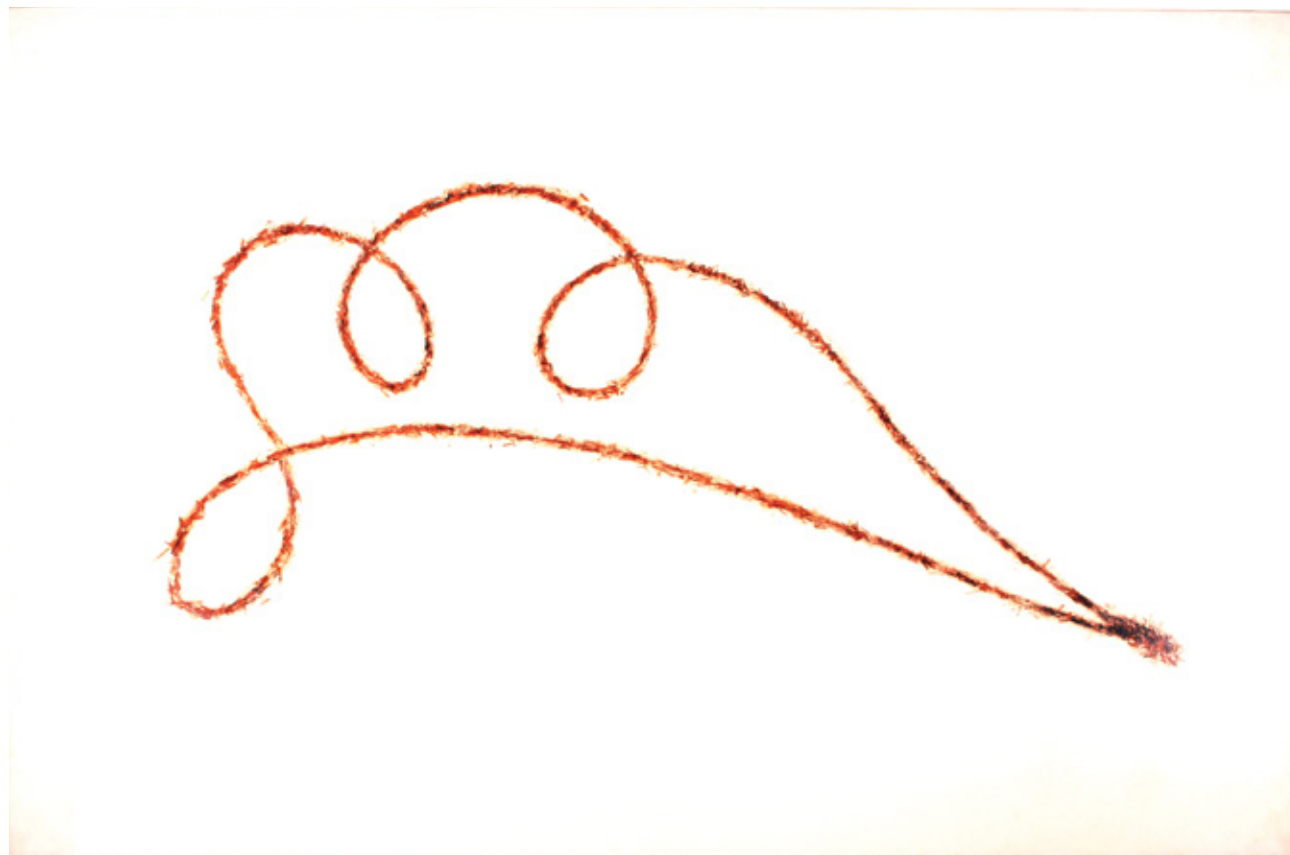




*Parada (Parada c/ fundo
branco), 1995
esmalte sintético, óxido de ferro
e laca sobre tela
122 x 187 cm*

bumerangue 1994–1995

Ao se deparar com os esquemas de trajetórias de bumerangues em uma enciclopédia, Daniel Senise iniciou o desenvolvimento desses trabalhos. Para realizá-los, o artista repete um mesmo processo: posiciona pequenos pregos na tela, sobre os quais derrama água e sal. Após a oxidação da superfície, ele usa um fixador para reter a imagem; e repete a operação até obter o resultado desejado. Os fluxos dos bumerangues aparecem em composições que podem, ainda, incorporar figuras humanas, criando uma reflexão sobre os percursos do olhar e a relação entre a invisibilidade de um trajeto no momento de seu acontecimento e a sua visibilidade enquanto imagem esquemática.



*Bumerangue (trajetria do
bumerangue - 3 voltas), 1994*
esmalte sintético e óxido de ferro
sobre tela
165 x 256 cm



ela que não está 1994

galeria thomas cohn, são paulo, brasil

As cinco telas que compõem esse conjunto são elaboradas a partir da repetição de uma mesma imagem, ou melhor, de sua ausência. Entre as diversas obras instaladas na Basílica de Santa Croce, em Florença, na Itália, há um ciclo de afrescos do pintor renascentista Giotto. Dentre eles encontram-se, na Capela Bardi, retratos da vida de São Francisco de Assis. A cena, que representa a morte e ascensão do santo, teve parte de sua superfície danificada por reformas que adicionaram, e depois retiraram, a figura de um túmulo sobre a imagem do próprio corpo de São Francisco sendo velado. É justamente a forma dessa ausência, o contorno do túmulo, que Daniel Senise reproduz, utilizando, para tanto, vários materiais que, ao interagir, fazem emergir a diferença entre os quadros.

Ela que não está, 1994

Verniz poliuretânico, óxido
de ferro e laca sobre cretone
193 x 305 cm

mãe do artista 1992–1994

Para desenvolver essa série, Daniel Senise se apropriou da imagem da mãe de Whistler, figura central da composição *Arranjo em cinza e preto nº 1* (ou *Retrato da mãe do artista*), pintura de 1887 do pintor norte americano James Whistler. Senise investe na relação gráfica entre figura e fundo, utilizando apenas a figura da mãe e explorando técnicas e materiais na elaboração de imagens que envolvem processos como a repetição e o espelhamento.

Retrato da Mãe do artista II
(*mãe do Whistler coberta*),
1992
acrílica sobre tela
188 x 192 cm

→
Despacho II
(*Mães de Whistler*), 1994
acrílica, óxido de ferro e verniz
poliuretécnico sobre cretone
207 x 355 cm







**beijo do elo perdido
e quase infinito** 1991–1992

Apesar das diferenças aparentes entre as duas telas, elas guardam semelhanças composicionais e foram produzidas no intervalo de seis meses de diferença. *O beijo do elo perdido* é um quadro figurativo de inspiração surrealista em que dois crânios de pássaros encaixam-se pelos bicos, criando um circuito fechado. *Quase infinito*, por sua vez, é a representação quase perfeita do símbolo do infinito. Contudo, ao invés das linhas se cruzarem, elas se mantêm separadas, apenas tencionando o toque. Essa composição foi feita a partir da experimentação de Daniel Senise com o óxido de ferro que se desprende de pregos em contato com uma solução de água e sal sobre tela.

O beijo do elo perdido, 1991
acrílica e óleo sobre cretone
139 x 203 cm



Quase infinito (Pregos), 1992
óxido de ferro e esmalte sintético
sobre cretone
72 x 183 cm

primeiros trabalhos década de 1980

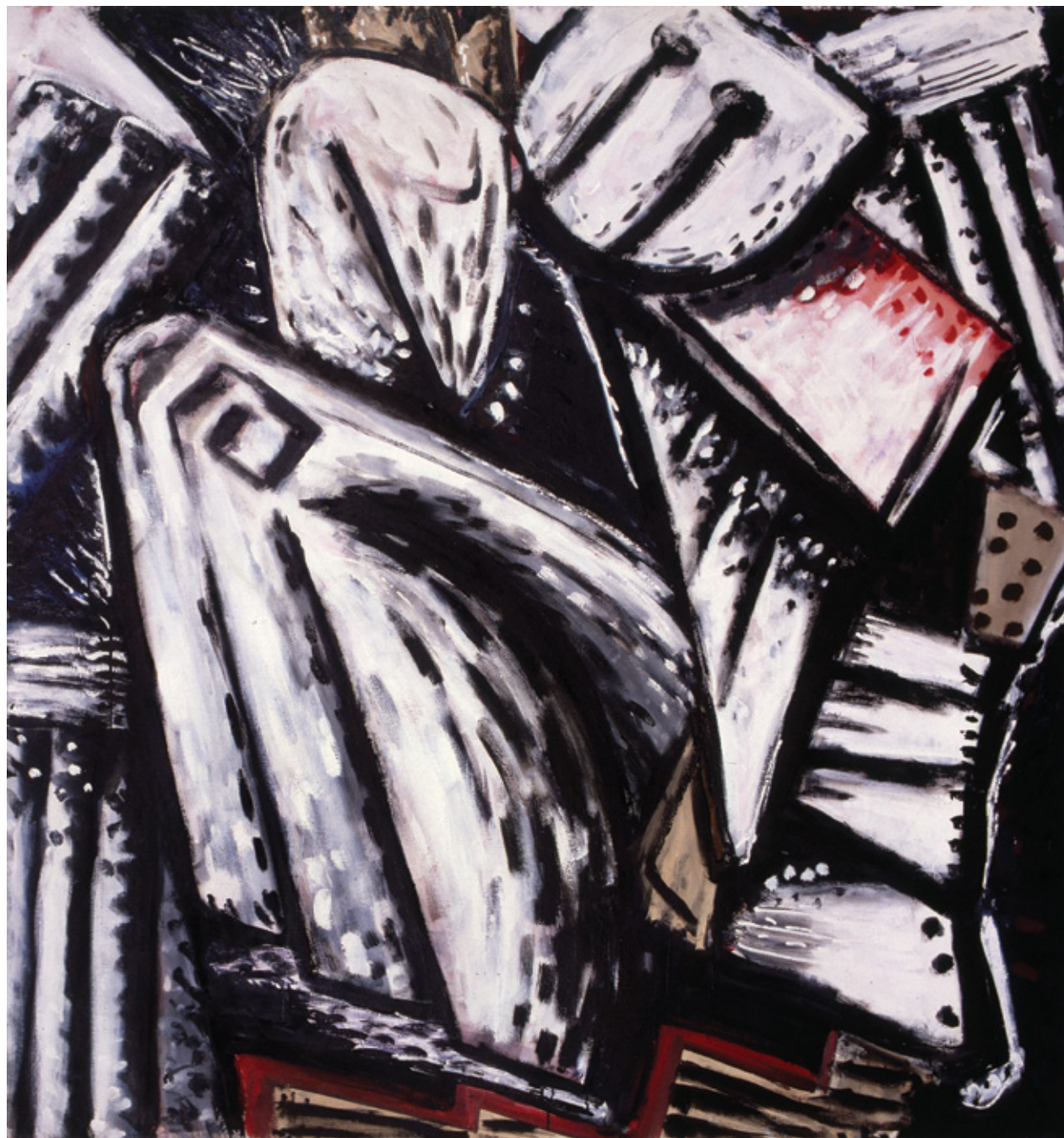
Seus primeiros trabalhos, produzidos na década de 1980, consistem em objetos ou elementos de aparência agigantada, volumosa e quase monumental, pintados em tons soturnos, em geral em preto e branco, por vezes com salpicados de vermelhos e azuis. Os elementos representados são os mais variados: fragmentos arquitetônicos, corpos os parte destes, objetos cotidianos e etc. A aparência agigantada e escurecida, contudo, acaba por esvaziá-los de significado.

O aspecto sombrio e deformado desses trabalhos traz parentesco com artistas do neo expressionismo, como Markus Lupertz, influência que se fez presente em vários artistas desse período, que ficou marcado no Brasil e fora dele pela retomada da pintura.

Sem título, 1985
acrílica sobre tela
191 x 177 cm

→

Sem título (Volumes Guston), 1985
acrílica sobre tela
129 x 200 cm







Sem título, 1984
acrílica sobre tela
225 x 185 cm

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art